

A young man with dark skin is sitting on a bed in a room with a rustic, textured wall. He is wearing a white t-shirt, a black cap, and white sneakers. His hands are clasped together, and he is looking down. On the wall behind him, there is a framed diploma that says "DIPLOMA" and another framed document. On the bed next to him, there are several newspapers, one of which has "MIPLA" written on it. The overall atmosphere is one of quiet reflection or contemplation.

À caminho da PRESIDÊNCIA

Uma história de
arrepisar os pelos

BONANÇA IVENO
- IRMÃO DESSA PÁTRIA
INÍCIO: 31/07/2022



Editar como WPS Office

À CAMINHO DA PRESIDÊNCIA =O GRITO ANGOLANO=

" Não nos deixem só no abandono
O que está a nos matar já não é fome,
A falta de esperança consome "
Deezy (Rapper)

Irmão Dessa Pátria-BI





- **Autor e escritor:** Bonança Iveno (Irmão Dessa Pátria)
- **Título:** À caminho da Presidência - O grito Angolano
- **Género:** ficção/conto
- **Capa:** Bonança Iveno
- **Revisão e sugestão:** Fernando Kula Amélia (**amigo irmão**)
- **Formato:** Digital (PDF)
- **Número de página:** **43**
- **Registro - Depósito Legal:** **10279**
- **Início:** 31/07/2022
- **Término:** 07/08/2022
- **Contactos:** +244 943479359/ +244 954962277
- **Whatsapp:** +244 943479359
- **Email:** bonancaivenofrancisco95@gmail.com
- **Facebook:** Bonança Iveno - O Irmão Dessa Pátria
- **Instragram:** Bonancaiveno
- **Nota:** Todos os direitos preservados pelo escritor. **Com a designada nota da chamada de atenção, que proíbe a reprodução, ou a comercialização da obra em qualquer formato possível, sem o conhecimento e autorização do Escritor.**
- **OBS:** se gostar do livro, saiba que estou aberto para a preciosa parceria que se precisa, para o lançamento do livro no formato físico. É só ligar para mim, nos contactos acima.

" Serra da Leba,
Uma das sete maravilhas de Angola "



➤ **O fumo da mudança**

- **Bonança, para ti qual é o partido que achas que vai ganhar essas eleições?**

Essa pergunta me deixou um pouco chateado, pois para quem a fez, o mesmo via esperança no partido que ele esperava que ganhasse as mesmas eleições.

Quando no instante, ele dizia que aquele era o grande momento da mudança da péssima realidade, e governação, de um país onde as vozes foram sufocadas na intimidação partidária, e os sonhos, atirados nos **cemitérios** da falta de esperança de um povo que via as migalhas como ofertas. E o Governo, a reivindicação de melhores condições de vida por parte da sua desconhecida população, como **ofensa**. Esses todos estragos **causados pelos marimbondos que fingiam ser borboletas**.

Quando achava que o partido que ele apoiava traria as mudanças significativas que todo mundo no sobejo dos desejos esperava para todo o país. Algo que para mim, era bem contrário ao sentimento da realidade deprimente que vivia o meu distraído povo.

Pois com esse desconforto causado, respondo com uma voz sentimental por um respeito nunca dado aos nossos choros, como a falta de atenção nunca prestado aos nossos anseios diários em prol de um futuro promissor que sempre almejamos, mas que nunca o conhecemos. Que diante deste clima, digo:

- **Mano, estou pouco me lixando para essas todas cenas irmão, pois não ligo para quem vai ganhar ou perder, quando para mim, esse todo jogo de eleições e de uma política supostamente democrática, é uma farsa, pois esse todo teatro que nos apresentam agora, é mesmo só para enganar, e baralhar a mente dos distraídos e escravos da dependência de opinião, como esses aí que estão a carregar as suas bandeiras, e a se apressarem para irem nos seus actos de comício em massa. Quando ninguém é na verdade o que diz ser...**

Essa é a minha história, história de um jovem frustrado com a vida, e sem esperança na realização dos seus sonhos. Pois, querendo eu ou não, eu não via saída para os meus problemas, e nem tão pouco nas promessas políticas das campanhas eleitorais dos ditos partidos que estavam supostamente interessados com as minhas preocupações, quando eles

só apareciam na minha vida como uma namorada interesseira aparece quando quisessem o meu sagrado e carente voto.

Pois, mais do que isso, eu e como o restante da população, não éramos mais necessários depois que o período da dita votação chegasse ao fim. O mesmo período que eu chamava de encenação política, ao que eles chamavam de, **o período da grande festa eleitoral. Algo que para nós nunca foi festa nenhuma, mas o momento de se sentenciar mais cinco anos de sofrimento.** Quando a demais, quem ousasse reivindicar as promessas ora proferidas nas ditas campanhas da caça ao voto, **acabava morto ou preso.**

Então por que daria eu importância numa encenação desse tipo, quando **não tinha o peso equivalente do respeito da verdade dos sentimentos?** (pois o povo nunca era leitor, mas votante, quando nunca era permitido reclamar sobre as promessas proferidas nas campanhas eleitorais, mas somente vir a cumprir sem a liberdade de cobrar o que foi prometido)

Assim, me recusava dar ouvidos, ou mesmo oferecer o meu escasso tempo, para me dedicar por uma causa rota e vazia. Por isso sempre me abstive de qualquer forma que se dizia política. **Criando assim, o meu mundo da ignorância da péssima realidade do país, dentro de um sistema hipnótico mundial, já sistematizado há milénios.**

O diferente com a minha família que tinha um fanatismo bem grudado nas suas emoções envelhecidas, e uma devoção hipnótica ao partido no poder, pois eles tinham na sua memória cultural egocêntrica, o motivo que lhes fazia ver o mesmo partido no poder, como os seus Deuses. Quando eles diziam que se não fosse por eles, o outro partido opositor exterminaria por completo a intenção de humanidade que o partido deles dizia proteger há décadas, quando na realidade da prática da minha vida real, tudo aquilo era o contrário ao que **os aterrorizados meus olhos diariamente viam nas ruas do país.**

Pois, crianças comiam nos contentores de lixo, e vendiam em plena luz do dia nas ruas das cidades e dos bairros, para sobreviverem, e as famílias comiam migalhas para não serem extintas pela tão consagrada senhora fome, e os jovens sem futuro formal e resoluto, viam na delinquência e nos trabalhos arrojados, uma única e preciosa chance de buscarem sentido por terem existido numa pátria que se dizia democrática, quando a realidade falava ser imperialista e exploradora. (tudo isso acontecia, quando o mesmo povo chamados de **POVO ESPECIAL, umilhado e escravizado na sua própria terra, vivia por cima de uma grande poça de recursos minerais invejados por outras Nações**)

Então por que viria eu, a depositar a minha esperança e confiança num sistema político que eu bem sabia que nada resultaria dela? Por isso me abstive de maneiras a não buscar por culpados num futuro incerto das minhas possíveis e autênticas decisões.

Quando na verdade, essa busca por autonomia e isolamento, também era um dos métodos de governação deles, uma realidade que eu também tentava esconder, quando sem pretender, acabei escolhendo mesmo assim, para que dentro de mim, ao menos tivesse um sentimento de um favo do respeito das minhas escolhas dentro do sentimento de autenticidade da tão almejada mãe liberdade.

Pois, era assim que eu me sentia quando pensava que estava isolado dessa política exploradora que pensava não ter poder sobre mim, isso sobre uma liberdade que eu pensara ser o fruto da minha suposta autonomia da minha confusa liberdade e moralidade social.

Algo que tinha de encarar com os olhos tenebrosos do medo de vir a ser, ou a lutar contra ela num futuro longo ou próximo, pois, querendo eu ou não, **o lobo que eu queria ignorar, afinal era o mesmo que comia as minhas ovelhas.**

" Eu cresci num bairro que não tinha água e nem luz

Só a luz de Deus é que me conduz "

Button Rose (músico)

" Estás a gostar da leitura?

Então é só virar a página



➤ O lobo que eu queria ignorar

Afinal era o mesmo que comia as minhas ovelhas

Era um dia de muita chuva quando eu saía da cidade para à casa, quando nesse temporal eu vejo uma senhora grávida, e com um bebé nos seus cansados braços da pobreza debaixo daquela grande ponte a gemer de muito frio. Que ao tentar ignorar aquela situação, me sinto obrigado por um sentimento que não sabia de onde vinha, à ir ter com a mesma. Quando dentro dessa minha tímida intenção, chego perto dela e digo:

- bom dia tia, porquê que estás aqui debaixo dessa ponte com essa enorme chuva? Não vai em casa porquê? Por essa pergunta, ela com tremuras nos lábios por causa do muito frio que sentia, simplesmente disse:

- meu filho, se eu não vender, as crianças em casa não vão comer. Ouvindo essa declaração vinda de uma mãe que num outro país que dignifica a vida humana, ela teria o seu respeito merecido, o meu coração ficou partido em uma tamanha vergonha, quando ela representava as muitas mães do meu país. Que sem tardar digo:

- mas tia, está a chover muito, assim quem vai parar para te comprar algo? Procura ir em casa, senão o teu bebê vai ficar engripado, e a senhora está grávida, não podes ficar aqui na chuva esqueceste?

- eu sei disso, eu sei disso meu filho de homem, mas se eu não vender nada, os outros em casa não vão comer meu filho.

- mas tia, quem vai comprar debaixo dessa toda chuva? Vai em casa por favor... quando tentava lhe convencer a deixar a estrada, e a sair daquela enorme chuva para ir pra casa, vejo um carro que acabou parando aos gritos:

- Banana, banana, banana!

Que diante dessa toda gritaria, eu vi a senhora que falava comigo, a sair às corridas e a deixar a criança que estava no seu colo no chão. Pois, o senhor dono do Prado azul escuro, parecia que não queria apanhar nem uma gota sequer da chuva, ignorando o facto de que a outra pessoa que viria lhe vender as frutas, estaria toda molhada e por esse factor

possivelmente viria a adoecer.

Mas quem liga pra tudo isso, se ela tinha mesmo de vender, para que ela e outros viessem a sobreviver!?

Então eu procurei ajudar ela, ao pegar o seu filho de aparentemente dois anos, enquanto ela metia as bananas no saco, que nessa partida, correu diante do carro, e o senhor que parecia o mais apressado do mundo, baixa o vidro, e volta com as gritarias:

- toma lá o teu dinheiro pá, e da próxima vez, seja mais rápida sua lenta.

Ela com um semblante de humilhação, se desculpa e estica a mão para receber o dinheiro que havia lhe feito estar debaixo daquela tremenda chuva naquela tarde nublada de domingo.

E esse que parecia ser o mais importante do mundo, tirava de sua carteira a metade do valor que custava as bananas, justificando que era o que ele tinha, pois, se a senhora quisesse o dinheiro, então não tinha de pensar muito, quando quem precisava do dinheiro, era ela que estava na chuva a vender, e não ele que viajava não sem para onde. Quando sem ele perceber, nos dava a entender que o carro dele não podia apanhar as gotas da chuva. (**mas ela sim**)

Por isso condicionou a senhora a aceitar a metade dos valores, ou senão ela perderia a única oportunidade de vender no único cliente que havia parado e se calhar seria também o único do dia.

Por isso, mesmo não estando de acordo, ela aceitou só já a metade do dinheiro, quando o valor do sentimento e do dever que tinha como mãe e esposa, lhe fez largar o seu objectivo comercial para chegar em casa e vir a atender as barrigas das pessoas que o **Estado e o Governo diziam ser suas prioridades.**

Foi nesse clima que eu me senti muito mal, quando procurei intervir na situação, buscando discutir com o senhor, mas a tia me pediu que não fizesse tal coisa, porque senão, o senhor iria embora e ela não venderia nada.

Então aquele caso ficou assim, **tudo porque nós estávamos num Estado político que se dizia democrático, mas que a realidade nos dizia tudo o contrário, quando o real era que cada um que tivesse mais recursos ou status que os outros, podia pisar e tirar vantagem em todo mundo que não tivesse meios para se defender.**

Que me senti tão mal ao ver aquela situação e nada poder fazer, pois, querendo eu ou não,

afinal eu também fazia parte do mesmo pacote dos **injustiçados, dos abandonados pela sorte, dos desconhecidos por um Governo que nem sabia que nós também sentíamos fome, e sede.**

Pois, mesmo tendo a tamanha vontade de ajudar, o mesmo sentimento não era suficiente no momento, quando também, como a senhora que estava debaixo daquela ponte na beira da estrada a vender para sobreviver, eu também esperava das migalhas dos autocarros que o Governo dava para nós, para que por meio desse transporte vassoura, **sim era um transporte vassoura que tínhamos**, pois ele varria tudo e todos que encontrava na estrada, causando assim um destratamento formal por parte de um Governo que pensava que nos dar um autocarro para um milhão de pessoas estava a fazer a melhor coisa do mundo, ou que por esse dito favor viria a ser considerado um Governo digno dos aplausos e do reconhecimento por parte do seu **suposto povo.**

Uma intenção inflamada do ego apodrecido que eles mostravam ter. Pois como a tia, eu também tinha meus problemas para enfrentar numa realidade social brutal, que só saía vivo dela, quem tivesse mais robustez que os outros, para aguentar com firmeza emocional as tamanhas pancadas **enfeitadas pelas cores da política democrática que vinham dos pesados socos da ignorância, e das grandes cabeçadas silenciosas da intimidação física, do famoso politicamente correto**, de um Governo que se defendia com o **colete anti-bala** das forças da ordem, e com um escudo **executador das instituições de Justiça** ao seu favor.

Quando o mesmo pensava ser o dono de um território que foi conquistado também, com o sangue de muitos homens valentes do passado, grandes guerreiros que representavam o orgulho honrado e patriótico de cada família que **completava o quadro geográfico e étnico da nossa pátria.**

Quando mesmo não tendo nada, ainda assim queria lhe ajudar a estar bem, mesmo quando diante daquela grande chuva, eu só tinha cinquenta kwanzas para apanhar o autocarro. Que ela vendo essa minha atitude, disse:

- muito obrigada meu filho, muito obrigada mesmo. Pois, se o país tivesse mais pessoas como você, a nossa terra seria um lugar melhor. (Que Deus te abençoe meu filho de homem)

Ela dizia isso, no momento que o autocarro parou diante de mim todo cheio e lotado de gente de toda parte do país. Que o motorista me vendo molhado, de forma rápida fecha a porta, porque ele dizia que não queria levar nenhuma pessoa molhada no seu carro, **um carro que na verdade também nem era dele, mas do Governo. Que grande demente.**

Uma situação que me fez gritar com ele, e começar a bater na porta com uma gritaria desesperadora para que ele abrisse a porta, mas ainda assim, ele não queria parar o autocarro. Que eu corria atrás do mesmo, como se fosse maluco, e a gritar muito alto tipo uma zungueira. Uma actitude que fez os outros que estavam dentro do autocarro gritarem também com ele:

- ó motorista, ó motorista, deixa mazé o outro entrar pá, esse carro também não é teu. Para o carro, para o carro já! Olha a cabeça dele bem grande!

De tanta gritaria, ele ficou envergonhado, que se viu obrigado a parar o autocarro, e eu que estava prestes a desistir, vi naquele acto de empatia, uma mensagem de que nem sempre temos de pensar em desistir quando tudo parece estar mal. **Quando eu todo cansado, entrei já tipo tinha bué de razão, e com raiva, não lhe paguei mais o dinheiro que ele pensava que iria para o seu bolso.**

Por isso, é que temos de dar o nosso melhor mesmo quando tudo parece estar perdido. Algo que me fez buscar pelo bem, não só de mim, mas também de todos os outros que não sabiam que tinham sim, como viver bem, mesmo quando a única coisa que conheceram desde a sua aparição aqui no mundo, foi o **sofrimento**. Uma realidade que eu vi na minha paragem.

Nessa, eu já todo cansado, ao descer do autocarro do Governo, me deparo com um grupo de jovens que estavam vestidos com as camisas de um dos grandes partidos do país, a distribuírem camisas como se fosse pão, e a darem chapéu nos jovens todos desempregados e inocentes de seus direitos tipo água, quando o que eles precisavam no momento e nas suas carentes vidas, não era o que o partido lhes enganava com ele, mas sim, aquilo que eles pouco sabiam que também lhes pertencia. **(a distribuição abrangente dos recursos que eram as fontes de receita para a economia do país)**

Pois, isso constatei quando um dos jovens que enchia o táxi, os conhecidos como lotadores, que chegou a reclamar de não ter comido nada desde manhã, que além de camisas e chapéus, ele pedia também comida para os mesmos que pareciam estar muito interessados com o sofrimento dos outros. Quando a pessoa que dava tais artigos disse:

- eu também desde manhã não comi nada, então como vou te dar algo que não tenho?

Por essa declaração, eu entro na conversa, e digo:

- então se lá onde te dão tudo isso para distribuir nos outros não querem saber da tua fome, como vão querer saber do sofrimento de todo o país?

A moça que era do partido, nada conseguiu falar diante dessa pergunta. Que sem ela saber, havia me dado uma grande lição de vida, para que eu não me tornasse num simples espectador, **mas sim, no defensor do rebanho.**

Posso parar, ou queres saber o que se segue?

Então vira só a página por favor...

**" Sem uma inflação à favor do povo,
Não se tem condições de vida humana "**

João Paulo Ganga (sociólogo)

" **Leila Lopes**, representação mundial da beleza feminina Angolana.
2011 "



Irmão Dessa Pátria-BI



► **Eu até tentei ignorar...**

Mas o coração não conhece intolerância sentimental

Imagina só você ver tua mãe a lhe darem com porete da cara e você não poder fazer nada? Aceitarias isso? **Acho que não.**

Mas era mesmo esse estilo de vida que eu levava, querendo ignorar tudo que se passava ao meu redor. Quando tentava levar a minha vida somente com o meu ego mental, **quando o coração todos dias era machucado ao ver tais humilhações, e as grandes barbaridades feitas contra o meu irmão ao lado.**

Pois, mesmo tentando inventar ser **um cego de olhos abertos**, um dia tive que me posicionar quando vi uma zungueira a ser espancada por um polícia na rua, e ninguém fazia nada ao seu favor, que todos que por ali passavam, só olhavam a briga entre os dois, e **ninguém tinha a tamanha coragem patriótica de acudir a mesma humilhação.**

Que no calor do espírito humano que me fez existir, quando dei por mim, já estava dentro da mesma chuva da confusão entre os dois, a se molhar na briga **sem ao menos ter a sombrinha de uma segurança da famosa influência política ao meu favor.**

Quando nem sabia de onde aquela tamanha coragem tinha vindo. Pois, só assustei que já tinha **dado um morote no polícia**, quando ao tentar acudir a briga, ele me deu também com o porete da cara por eu ter interferido no seu susposto bom trabalho, quando ele disse que era desacato ao tentar acudir uma irmã que estava a ser destrutada pelo agente que a deveria proteger em plena via pública.

Que diante desse insulto, eu não admiti que ele me batesse também e ficasse assim, quando no instante todo mundo olhava e ninguém fazia nada a respeito.

Que sem ele esperar, lhe levanto bem alto juntamente com a sua farda e a sua arma, lhe bato com muita força e raiva no chão, e o porete que ele se enaltecia com ele, foi parar não sei onde, mas a arma saiu do cinturão e ficou perto dele, que ele viu a solução daquela vergonha que passava em me dar um tiro, algo que não deixei que acontecesse.

Pois, quando ele menos esperava, ao olhar de forma desesperadora para a pistola, eu não

deixei que ele respirasse mais de uma vez, que assustou um bico da cara e começou a sangrar, mais isso já desmaiado, quando no momento só assustei que eu, também já estava na patrulha da polícia. Tudo porque eu havia lutado com um agente que não deveria ser tocado, **mas que podia muito bem ofender fisicamente uma pessoa ao seu belo prazer.**

Ali as coisas se complicaram que eu dentro da patrulha só assustei que, aquilo que era só uma brasa, se tornou numa floresta em chama. Pois, todo povo vendo aquilo, não permitiu que eu fosse levado na esquadra. Quando todos presentes, pegaram pedras, e outros garrafas, e começaram a gritar:

- libertem o nosso irmão, libertem o nosso irmão.

Que por essa actuação do povo, eu fiquei já todo emotivo, que comecei a chorar e a sorrir de orgulho. Quando vi que afinal todo mundo só precisava de um princípio para também ajudar no melhoramento da nossa pátria.

Que nesse momento, foi chamado outra patrulha para dispersar a população para que levassem na esquadra o jovem que havia feito um agente da ordem pública desmaiar. Mas ainda assim, a população só aumentou mais de número que foi necessário pedirem mais reforço no momento em que eu só ouvia.

- pode sair, pode sair irmão.

Palavras de um jovem que motivado viu esperança da Nação em mim. Pois, para muitos, eu fui o motivador da coragem que os outros vieram a mostrar. Por isso, todos se uniram a me tirar dentro daquele carro, pois, eles sabiam que se eu fosse levado, o que fariam comigo na esquadra, não seria nada bom.

Quando nesse temporal da tensão social, um senhor que discutia com um dos agentes da polícia presentes, dizia com uma voz muito orgulhosa o seguinte:

- nós estamos a lhe defender mesmo, pois ele não matou nenhum polícia. Porque na verdade, ele só desmaiou, mas ainda assim, ele tinha mesmo de apanhar, quando ele ofendia a dignidade de todas nossas mães, ao bater uma zungueira na via pública diante da população como se ela fosse escrava. Por isso nós exigimos a liberdade do jovem já!

Ele dizia isso, no mesmo instante em que o agente que supostamente foi morto por mim, acabava de acordar e foi visto por todos pela janela, quando não foi possível lhe esconderem, porque nenhum carro foi movido do local até que eu fosse liberto.

Por isso, toda e qualquer declaração que a polícia quisesse usar contra mim, dizendo que eu havia matado um agente, era nula. Pois ele estava bem vivo, **mas com muitas dores no corpo.**

Que no dado tempo, eu só vi que estava entre o povo a ser exaltado, no mesmo instante em que mais carros da polícia a corriam para o mesmo lugar.

Que acabou causando muito trânsito na estrada, e o lugar que parecia ser grande, naquele dia ficou pequeno com a tamanha aglomeração da população que se rendeu diante à minha corajosa actitude de defender um outro ser humano, **uma irmã da mesma pátria. (a nossa mãe Zungueira)**

Foi por isso que eles não conseguiram me levar, **quando o rebanho soube proteger o seu pastor.**

" Chega uma fase da vida que a fome e a miséria te fazem despertar sozinho "

Gangsta 77

Como te sentes **agora?**
Gostou dessa parte? Então vira a página pois...

➤ Não posso mendigar ao que já me pertence

Cara de **perdedor**

A minha ascensão à **Presidência da República**, trouxe muitos problemas no panorama político, e uma realidade nunca vista no país. Pois, o país entrou em um grande colapso, quando o partido enraizado à décadas no poder, via o seu fim com a minha chegada às competições eleitorais, um partido que eu criara no pleito eleitoral anterior que eu participava.

Quando sem eles esperarem, o **partido-zinho** como eles chamavam, que foi criado por mim, e outros amigos, era o mesmo que ganharia a confiança do povo, e viria a derrubar por completo de forma inteligente os ditos donos do país.

Quando essa realidade veio a criar uma instabilidade no país, por conta do temor que eu lhes causei com a grande popularidade que havia conquistado no decurso dessa minha caminhada à **caminho da Presidência do meu país**.

Pois, um David ignorado, era o mesmo que acabou matando o tão gigante e temível Golias imperialistas que pensava que a Presidência era a sua casa. Onde podia fazer o que bem entendesse, algo que nessas eleições foram muito contrárias ao que de habitual eles esperavam que aconteceria.

Assim, sem eu esperar, algo me deixou muito esperançoso com o desejo de mudança do grande país que me viu nascer, **mas ofuscado por homens sem o brilho da nobreza humana**. Isso por causa da posição inteligente e patriótica que muitos jovens foram tomando ao longo desse período eleitoral que esse outro partido ganancioso pensava que voltaria a ganhar. **Ou seja, a se afirmar novamente no poder... (pois na verdade, ele nunca tinha ganho nenhuma eleição vinda da vontade soberana do meu povo)**

Pois, sem muitos acreditarem, houve mesmo muita mudança na mentalidade da juventude que anteriormente pensavam que coisas de política só pertencia aos velhos tratarem sobre tal coisa. Uma forma de pensar que acabou mudando quando eles viram o grande exemplo patriótico em mim, isso pela minha disposição em trazer uma mudança jamais esperada numa terra que também me pertencia. Quando se eu não fizesse nada, sempre teria a mesma vida que tinha há décadas desde que havia nascido, e nenhum sentido de progresso viria a ser

constatado enquanto fosse achado vivo pela desprezada senhora **vida**.

Por isso que alguma coisa tinha de fazer para não só salvar a minha pele, mas também de quem compartilhava comigo **o mesmo ar, e o mesmo teto céu**.

Foi quando me dispus a ser o emblema da grande mudança que o país inteiro esperava ter, até daqueles que fingiam pertencer ao mesmo regime que à décadas vivia no mesmo conforto da prepotência egocêntrica de que somente eles podiam e mais ninguém. Quando nada faziam para o bem dessa tão formosa terra, e para esse tão belo e orgulhoso povo.

Assim, eu arrumei as minhas botas, e comecei uma jornada política que nem no leito do meu nascimento pensava que um dia viria a ser o grande símbolo de um fervor sentimental do estímulo para os tímidos e os explorados, **da majestosa pátria que também me viu nascer**.

Deste, tudo começou quando eu negava comprar algo que já me pertencia. Isso, quando há cinco anos atrás, pela revolta que eu fui tendo comigo mesmo, isso pela péssima vida que eu vivia, onde a mesma me levou a olhar num panorama geral sobre a vida do país, como daqueles meus irmãos que os seus sonhos eram comprados na senhora frustração instituída pela ignorância política, me fazendo não só ir atrás do meu pão, mas sim, **da grade padaria que viria a alimentar por completo o meu povo**.

Por isso tinha de começar a me posicionar para que a esperança uma vez ofendida por aqueles que menos queriam saber da dor dos outros, viesse a renascer nos corações amargos dos que foram banidos da nossa pátria emotiva. **Para que juntos pudéssemos tirar a pulga que sentava há décadas no poder da nossa República, e que sugava o sangue da progressão do nosso corpo país**.

Pois, o dinheiro dos recursos ora vendidos no estrangeiro era só para eles, e as boas condições de vida, para os seus filhos, quando as nossas famílias tinham de se virar à moda animal para sobreviverem, pois, até por cem kwanzas nos matávamos, e por cinquenta kwanzas tirávamos a camisa para lutar.

Por isso, eu muito contestado com a situação deprimente do país, não aceitei me rebaixar para que de novo eles violassem **o rabo da minha dignidade**. Quando para eles, era só pensar que com o dinheiro podiam manipular todo mundo, e qualquer barriga que estivesse carente de sustento.

O diferente comigo, quando não aceitei ignorar a fome e a dor do meu irmão ao lado para

trocar por uma intimidade financeira. Pois, diante da corrupção mental, **quem cala, concente.**

Por isso mesmo não aceitei as ofertas abusivas deles, das supostas casas, e dos carros que diziam que viria mudar a minha vida. Quando com o mesmo carro passaria numa estrada emburacada e sobre uma poeira doentia nas zonas suburbanas da mesma terra que eu discordava da sua péssima condição de saúde moral e ambiental. (**saneamento básico, e péssimas obras públicas**)

Pois, que ser humano é esse que come, e dorme à vontade mesmo sabendo que outras pessoas procuravam **comida nos contentores de lixo, e outros bebiam uma água que nem para os cães servia?**

Assim, quando eles souberam que eu não voltaria atrás com a minha posição, **quando queriam que o meu partido fosse a lavanderia das suas fraudes eleitorais.** Só assim tiveram uma coragem nos bastidores dessa luta, ao me ameaçarem de morte, tudo porque eu não aceitava cooperar com **a macabra obra diabólica** que eles criavam para o sofrimento, e para a dor permanente do meu corajoso povo. **Quando a minha consciência humana e espiritual não me permitia fazer tal coisa. (o que seria uma desonra ao Criador da existência)**

Deste, começaram a estruturar um plano diabólico de combate contra a minha figura social. Isso no mesmo instante em que eu ganhava a simpatia do povo. Uma realidade que começou a incomodar a estabilidade emocional do dito soberano da Nação. O senhor que lhe chamavam de Presidente nos seus escravos militantes.

Pois, a cara de medo que ele apresentava no período eleitoral, **só dizia que ele sabia bem que iria perder, por isso até forças ocultas ele usou para me destruir.**

Algo que não aconteceu, quando eu era protegido pelos **Santos Soberanos do universo,** os mesmos que me deram a tamanha e a grandiosa missão de libertar **um povo que também merecia sorrir sem obrigação, e opinar sem medo.**

Essa luta espiritual que já tinha vencido há muitos anos atrás, **até à caminho da Presidência da minha grandiosa República.**

Por isso, medo eu nunca tive, e nem vergonha de ir atrás e reivindicar aquilo que já me pertencia desde o momento que a vida me tinha dado o passaporte da existência por meio da via dessa **Soberana terra** que me viu nascer.

Assim, ninguém podia me **abortar** de não vir também a viver os sonhos dos meus desejos,

e os encantos das minhas motivações. Por isso mesmo, fui tenaz a negar comprar o que já me pertencia, ao exigir o que de direito também fazia parte do meu grande legado da beleza da minha pessoa, no meu histórico, e futuro orgulho existencial.

Foi quando... **Continua...**

"?"

E se fosse você, aceitaria ser corrompido?
Agora imagina comigo a cena que vem a seguir

**" Não temos recursos,
Estamos a se mimar mesmo com os restos que nos dão
Também somos filhos dessa Nação "
Deezy (Rapper)**

Irmão Dessa Pátria-BI



➤ **Imagina um lugar onde a esperança**

Já havia saído há séculos!

Deste modo, já não tínhamos mais que pedir, e nem mendigar, mas sim, mostrar também que as feridas causadas pela imposição partidária no corpo da realidade do nosso modo de vida, também machucava com muita dor a nossa dignidade como pessoas, e como parte da Nação que eles pensavam que era só deles, essa terra que era rica em tudo que a natureza dela se orgulhava ter criado.

Uma vez que as razões da luta de um povo que foi esquecido no deserto da ignorância, deu-se pelo facto de não haver ao nosso favor, um advogado presente dos mimos de uma política democrática que servisse para todos, e não somente para um bando de pessoas **que não tinham a alma da empatia dos seres, na representação diária dos seus afazeres.**

Quando a realidade que vivíamos, até o Diabo diante dela, tapava os olhos para não ver o tamanho sofrimento que esses homens forjavam para nós, como também os ouvidos para não ouvir de perto o lamento de um povo que foi deixado órfão dos seus pais da dignidade patronal do significado de sua existência, instituída por aqueles que pareciam mais com padrastos que realmente os pais fundadores da dita nossa Nação. **Pois, se tens dúvida que o inferno existe, então veja como era a nossa vida num país que o mundo todo conhecia como rico e belo. Mas viviam como se o Diamante e o Petróleo não dormissem por baixo dos seus pés. Abre, e fecha aspas.**

Nessa, se for para te contar daquela realidade, nem vais acreditar no que te vou falar, pois, a minha casa de chapa ficava perto de uma lagoa que cheirava muito mal, onde a água que ali parava, vinha dos grandes prédios da cidade.

E perto da janela da sala que também era o meu quarto, tinha um acumulado de lixo que tirava o bom cheiro dos sabores da comida que a minha mãe fazia.

Quando essa realidade, eu vivi na pele, lá naquele mesmo bairro de chapas que ficava bem perto da cidade. Pois, só para teres noção do nosso tamanho sofrimento, saiba já que o **mata-bicho** era uma realidade abstrata, que só acontecia de forma arriscada quando apanhasses uma metade de pão nos baldes de lixo que ficavam perto dos supermercados da cidade. Pois

se o **mata-bicho** era uma realidade em potência, então o que falar do almoço que era um sonho arriscado para quem vivia num lugar onde ninguém queria saber de nós?

Pois, casas com dignidade já haviam nos prometido há décadas, quando por essa frustrada promessa vinda do dito Governo que já morava no poder há séculos e nada fazia, cada um tinha de se virar para sobreviver, e não esperar por promessas que eram apenas contos de fada.

Onde as mães do nosso bairro tinham de se sacrificar para venderem dentro de numa realidade da venda ambulante arriscada por conta das corridas desumanas e aterrorizantes dos fiscais que pensavam que davam **corrida nas galinhas ou nos cabritos**.

Isso para que mais tarde no final do dia, podessem levar para casa, alguma coisa que chamam de comida para a confecção do tão amado e venerado jantar, que também não era aquele todo composto jantar como nas casas das pessoas que nem conheciam o que era fome, **ou vir a dividir a única perna de frango para dez pessoas**.

Pois, em vez de você comer para estar repleto, ao contrário disso, você comia para enganar o teu velho estômago que ficou já acostumado a ser alimentado com o funge rijo, molho de tomate, ou kizaca sem os devidos saudáveis temperos, e com a grande cereja do cheiro do frango frito no prato desnutrido de saúde, que depois disso, o que te restava era mesmo ir dormir, **quando a noite era a ponte entre o sono pesado do desejo sem norte, e do novo dia do sofrimento sem escape**.

Pois, como as nossas mães, os pais tinham de ir também, atrás dos pequenos e vergonhosos biscatos **para ao menos não morrerem de vergonha de terem sido chamados um dia de pai e marido**.

Tudo porque, se a sobrevivência de todo mundo que morava naquele escombros da miséria não fosse pelo caminho da dignidade, então seria por via da delinquência formalizada e programada por um Governo que só falava e nada realizava.

Uma vez que, por essa tamanha carga de sofrimento, e pelo enorme peso das frustrações que todo mundo enfrentava, muitos acabavam entrando no mundo da delinquência para ao menos se sentirem preenchidos com os sonhos roubados por uma infância mutilada já há décadas, e um futuro promissor morto pelas escadas partidas pela falta de abertura e concepção de meios que cada um com suas aptidões, viesse também a mostrar o que de bom sabia fazer.

O contrário com as nossas expectativas mortas em cada realidade do grande som do sofrimento. Quando calçados em condições era mesmo só ver nas novelas e nos filmes.

E o tão saldososo desejo de nos formar era mesmo só nas políticas de campanha eleitoral daquele Governo que só recordava que nós afinal existíamos, no momento que o mesmo precisasse do nosso voto. Só assim éramos vistos com os olhos da ignorância do desejo de nunca termos existido. Pois, as tais ditas promessas de luz e água para todos, era já a música que todo mundo no bairro sabia cantar com a ignorância da sabedoria de que, aquilo nunca chegaria para nós.

Por isso, não ligávamos para as tais promessas, e continuávamos com a nossa vida ao nosso estilo. Onde os meninos do bairro não conheciam o que era ir à escola, e as meninas viam na prostituição uma forma de alimentar a barriga, e os mais velhos do bairro sem saída, viam nas bebidas quentes o seu passa tempo diário.

E os jovens, na delinquência e no consumo frustrado de bebidas alcoólicas e outras drogas, o desafogar das mágoas que nunca foram dadas atenção aos seu estimados sonhos. Pois, se esperássemos que um dia o dito Governo olhasse para nós, então até lá, já estaríamos todos extintos.

Então por que apostar numa esperança de uma suposta futura boa vida, quando a realidade dizia o contrário? Pois, que adiantava esperar e acreditar nessa esperança, **se eles haviam mutilado os pés da mudança?**

Por isso mesmo que acabamos criando a nossa própria forma de vida, para que ao menos sentíssemos também o cair da chuva que não era deles, mas daquele que nos criou, e ao menos desfrutar desse sol que vinha para todos, e não só para eles, como assim imaginavam também lhes pertencer.

Era deste modo que vivia a minha realidade num bairro onde a minha casa era perto de um acumulado de lixo, e de uma lagoa que cheirava a água do esgoto que vinha dos prédios da cidade.

E onde os Business (**negócios sem regras**) eram feitos de forma sagaz, pois se fosses lento, você não conseguia nada, quando todo mundo esperava uma oportunidade para alimentar a sua família, e se alegrar um pouco com as compras das famosas roupas de marca, que só comprava mesmo, quem ganhasse um pouco mais, que por essa situação, o mesmo chegava a se sentir um pouco superior entre os outros. (**a famosa corrida dos ratos**)

E onde a falta de informação, era o seu oxigénio, pois, como saber do que se passava, **se a realidade que vivíamos era a informação que eles menos queriam passar na televisão?**

Quando a dignidade que esperávamos ter, era ofendida com os restos que eles davam para nós. Pois, não vendo mais solução numa realidade onde nenhuma criança tinha chinela em condições, onde os outros andavam de biquini e calções furados, e outros sem camisa, não tinham uma dignidade de uma autoestima no bom **mata-bicho** ou mesmo numa boa roupa para também vir a sentir no âmago da parte sensível da sua alma, o gosto de ter existido num país que se dizia ser muito rico em quase tudo, **mas quando a realidade só mostrava pobreza e feridas profundas que eles causavam nas nossas emoções por pensarem que o país era só deles.**

Então sem mendigar, ou mesmo obrigar, acabávamos por nos mimar já com todo o resto que sobrava na **bandeja das oportunidade que eles nem sabiam que deixavam cair.**

Pois, ainda assim, o desejo era maior, porque a alma não queria mais que o corpo estivesse num lugar onde as nossas casas de chapas não tinham condições humanas para se viver, quando a sala era o quarto para mais cinco pessoas, e o quarto de banho era na lixeira, onde todos iam libertar suas mais íntimas necessidades biológicas.

Pois, quem na verdade gostaria de viver dentro de uma casa, onde os muitos buracos na chapa tipo na boca de um velho desdentado fazia molhar toda casa em todos os períodos da época chuvosa?

Uma realidade que, quando chovesse, você não dormia a vontade, quando o teu trabalho era meter banheiras e baldes em tudo que era buraco por onde caía a água da chuva. Pois, se assim não fosse, então ninguém dormia bem, porque senão, a casa toda estaria inundada.

Quando ainda assim mesmo, se fosse de noite, você tinha de estender assim mesmo o teu colchão ou o teu loando no chão, e no dia seguinte, você acordava por cima de uma lagoa dentro da tua própria casa.

Quando se fosse uma daquelas grandes chuvas, o balde enchia, e as banheiras também, que toda água caía no chão enquanto você estava naquele profundo sono do desejo de recuperar a grande esperança que foi roubada **pelas mesmas pessoas que se diziam serem humanos, mas quando nos deixavam viver como animais num lugar onde não tínhamos uma possível salvação naquele inferno que fomos abandonados há milénios.**

Por isso, alguma coisa tinha de acontecer, quando o que estava a nos matar, já não era a fome, mas sim, **a falta de esperança que consumia todos dias a nossa vivência**. Para que ao menos o futuro começado e planejado por nós, e não por eles, mas por nós, **fosse diferente para as futuras gerações, que essa terra os iria receber**.

Foi quando eu conheci um senhor que me abriu os olhos, no dia em que eu fui na paragem fazer um biscato, que sem contar, pela forma nobre e digna que lavei o carro dele, ele se interessou em mim, por ter dado conta que mesmo tendo deixado muito dinheiro, e os seus pertences, como telefone, cartão multicaixa e o anel de casamento dentro daquele grande carro, num bairro onde a fama da delinquência era como se fosse o famoso pão numa padaria, então ele ficou maravilhado com essa particularidade de um **Leão entre as ovelhas do sofrimento**.

Foi quando ele viu especialidade em mim, e me convidou a começar a lavar o seu carro na sua casa. Uma outra faze do despertar da minha mentalidade que vais saber já a seguir.

Continua...

Se queres saber mais como acaba essa emotiva história, então espera pela segunda parte.

Agora o trabalho que tens, é de virar a página da tua vida, para atrair novos encantos.

" O myc é todo **teu Niga...** "

Fly Skuad

Irmão Dessa Pátria-BI



No próximo volume **teremos:**



➤ **Aqui então, quem não sabe nadar**

Morre!

**" Palanca negra gigante,
Raridade exclusiva de Angola "**

Irmão Dessa Pátria-BI



Finalmente o governo acordou do sono da ignorância

➤ **O dia da grande manifestação Patriótica**

" Samanhonga, representação da sabedoria Angolana"
Cultura Tchokwe (O famoso Pensador)

➤ Dedicatória

Sem uma colocação política, cultural ou religiosa, mas humana e patriótica. Dedico essa grande e magnífica obra para todos que se sentem parte dessa magna Nação que faz nascer e nos leva a ter um fervoroso orgulho pela progressão consciente, moral e humana de todo fazedor da vida dessa terra que nos viu nascer.

Da zungueira, à Deputada que a representa, e do Presidente da República, ao professor que o forma.

Pois esse livro não combate nenhuma franja da sociedade, mas sim, o mal que reside entre nós. A mesma que só nos separa, e nunca nos levou à uma união plena.

" **Haja mais coragem** e Honra! "

" Ninguém nos tira o direito **de sermos Angolanos**, e não pedimos à ninguém o direito de termos nascido cá!

Vamos transformar o país cada vez mais em propriedade nossa e colectiva "

Isaac Dos Anjos (Ex-Governador de Benguela)

" (Entre o partido A e o B)

O melhor a se escolher, é a Nação "

" OBS ": se gostou do livro, saiba que estou aberto para a preciosa parceria que se precisa, para o lançamento do livro no formato físico. É só ligar para mim, nos contactos abaixo.

E se haver um contributo para o crescimento da obra, ou mesmo um imparecer sobre o conteúdo escrito, também pode fazê-lo por esses meios abaixo.

Whatsapp: +244 943479359

Email: bonancaivenofrancisco95@gmail.com

► Escritor e autor:

Bonança Iveno-Irmão Dessa Pátria-BI

Término: **07/08/2022**